

1. SENTIDO DE UM "PROJETO ECONÔMICO" DA IGREJA

1.1 Fundamento teológico

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano assim se expressa.

"A evangelização dá a conhecer Jesus como Senhor que nos revela o Pai e nos comunica seu Espírito. Ela chama-nos à conversão que é reconciliação e vida nova, leva-nos à comunhão com o Pai que nos torna filho e irmãos. Faz brotar, pela caridade derramada em nossos corações, frutos de justiça, perdão, respeito, dignidade e paz no mundo" (Puebla 352).

"Esta mesma salvação, centro da boa Nova é "libertação do que oprime o homem, mas sobretudo libertação do pecado e do maligno na alegria de se conhecer a Deus e de ser conhecido por Ele, de a pessoa o ver e de se entregar a Ele" (Puebla 354).

"Mas esta salvação tem "vínculo muito forte" com a promoção humana em seus aspectos de desenvolvimento e de libertação, parte integrante da evangelização. Estes aspectos brotam da própria riqueza da salvação, da ativação, da caridade de Deus em nós, a que estes aspectos estão subordinados. A Igreja "não necessita, portanto, recorrer a sistemas e ideologias para amar e defender a libertação do homem e colaborar com ela: no centro da mensagem de que é depositária é pregoeira, encontra inspiração para atuar em prol da fraternidade, de justiça e de paz; para agir contra as dominações, escravidões, discriminações, violências e atentados à liberdade religiosa contra as agressões do homem e a tudo quanto atenta contra a vida" (Puebla 355).

A promoção humana implica atividades que ajudam a despertar a consciência do homem em todas as suas dimensões e a lutar por si mesmo como protagonista de seu próprio desenvolvimento humano e cristão. Educa para a convivência, dá impulso à organização, fomenta a comunicação cristã dos bens, ajuda de modo eficaz a comunhão e a participação" (Puebla 477).

"Para se conseguir a coerência do testemunho da Comunidade cristã no empenho de libertação e promoção humana, cada país e cada Igreja particular organizará sua pastoral social com meios permanentes e adequados que mantenham e estimulem o compromisso comunitário, garantindo a necessária coordenação de iniciativas, no diálogo constante com todos os membros da Igreja." (Puebla 478).

1.2 - FUNDAMENTO NA REALIDADE

Várias nações indígenas que ocupam o Território de Roraima co no os Macuxi e os Wapixana sofrem inúmeros problemas em decorrência da invasão de suas terras pelo gado do colonizador Branco . Tudo isso agravado em certas regiões pela presença de várias dé-cadadas, de aventureiros em busca de ouro e diamantes: Doenças, caçaca, abusos são os panos de fundo desta época recente de história.

A caça e a pesca, atividades tradicionais dos povos indígenas, estão seriamente prejudicadas. As transformações dos campos provocadas pela presença e trato do gado, espalhado em toda parte , as frequentes queimadas, as estradas que em número sempre maior facultam o acesso à áreas mais distantes do lavrado e das Serras afugentam a caça que em várias partes é quase inexistente. Restrições são feitas também quanto à pesca pois os cercados estão impedindo o acesso a lagos e igarapés, reservas importantes de peixes, alimento indispensável para a sobrevivência dos indios, já tão perigosamente ameaçado no equilíbrio de sua alimentação.

Deixando de lado outros elementos, embora importantes, na realidade, estes dão uma idéia da situação que vem afetando, cada vez mais, a já muito precária existência das comunidades indígenas , e das suas necessidades mais urgentes.

2. - O QUE É O PROJETO "UMA VACA PARA O ÍNDIO"

É uma iniciativa pastoral da Igreja de Deus que vive em Roraima e que consiste em proporcionar às comunidades indígenas de Roraima, a título de doação definitiva, uma certa quantia de gado ou outros animais de criação, nas condições especificadas nos Termos de Compromisso anexos.

3. - FINALIDADE

O projeto visa proporcionar soluções efetivas aos problemas da terra e da alimentação dentro de um trabalho comunitário para a emancipação e a auto-determinação das comunidades indígenas.

4. - AUTONOMIA DO PROJETO

O projeto tem uma fisionomia própria que lhe provém da sua finalidade; possui seu próprio ferro, isto é, a letra M maiúscula com uma cruz no meio para cima, como indicado no desenho a lado: M

5. - FUNCIONAMENTO DO PROJETO

É regulado pelo termo de Compromisso anexo para o primeiro ciclo de cinco anos de projeto. E por outro Termo de Compromisso anexo, para o segundo ciclo e sucessivos.

6. - PROPRIEDADE DO GADO

O gado, uma vez ferrado com o ferro do projeto, e após o ato de entrega, pela Diocese, através da assinatura do Termo de Compromisso para o primeiro ciclo, pela comunidade escolhida e pela Direção de cada região, fica de propriedade de todas aquelas comunidades indígenas da mesma região que aceitam a iniciativa da Diocese, de acordo com o presente Estatuto, tornando-se assim co-proprietárias de todo gado do projeto existente naquela região.

7. - DIREÇÃO DO PROJETO

Se inicialmente, por falta de organização comunitária indígena, o Projeto surgiu como uma proposta direta da Diocese à Maturuca com o seu tuxaua, agora é um Projeto econômico entregue na sua totalidade à responsabilidade das Comunidades Indígenas. Tendo em consideração que presentemente toda a área indígena do Norte do Território foi dividido pelos Tuxauas em Regiões e que para cada Região foi eleito um Conselho Regional formado por certo número de índios, fica estabelecido que estes Conselhos entram a fazer parte da Direção do presente projeto. O Conselho de cada Região e os Tuxauas das comunidades da mesma que participam do projeto formam a Direção do Projeto daquela Região. A Diocese, através de seu representante em cada Região, supervisionará a execução do projeto. Isto é, em todo o processo de realização deste Projeto a Diocese deverá estar presente, por meio de seu representante sobretudo nas reuniões onde são tomadas decisões importantes.

8. - AUTONOMIA E INTERLIGAÇÃO

A direção do projeto de cada Região tem completa autonomia e responsabilidade com relação ao andamento do projeto dentro de sua área, embora seja louvável que haja uma ajuda fraterna em apoio, orientação e, se o caso merecer, também em gado para as Regiões Irmãs.

9. - ATRIBUIÇÕES DA DIREÇÃO

À Direção do projeto de cada Região compete receber o gado da parte da Diocese, escolher as comunidades, entregar o gado, intervir tomando eventuais providências, como também fiscalizar para o bom êxito do mesmo.

Em caso extremo, se a comunidade não cumprir com os seus compromisso, após a reunião com a mesma, a Direção do projeto pode rá determinar que seja retirado o gado e entregue a outra comunidade.

A Direção do Projeto de cada Região se reunirá, no mínimo , duas vezes ao ano para avaliar a execução do Projeto de cada Mo-loca e tomar as providências cabíveis.

10. DESTINAÇÃO DO PROJETO

O Projeto visa as comunidades indígenas do Território de Ro- raina, que estão interessadas e que forem julgadas capacitadas pela Direção de cada Região e prontas a aceitar e cumprir com as condições de trabalho estabelecidas neste Estatuto e nos Termos de Compromisso.

Não poderá destinar-se a indivíduos ou a grupinhos.

II. VALIDADE DO PROJETO

Toda entrega de gado à comunidade escolhida se torna válida através da assinatura do Termo de Compromisso entre a Direção do Projeto na Região e a comunidade interessada.

Cópia do Termo de Compromisso previsto para o primeiro ciclo deve ser entregue à FUNAI, à Diocese, à Comunidade que recebe o gado, à Direção do Projeto da Região e ao representante da Diocese da Região.

Cópia do Termo de Compromisso previsto para o segundo ciclo e sucessivos deve ser entregue também à Comunidade que repassa o gado.

12. - FUTURO DO PROJETO

Uma vez que todas as comunidades indígenas interessadas e capacitadas em cada Região se tiverem beneficiado do Projeto para formação de rebanho bovino, a Direção da mesma região poderá usar o capital representado pelo gado para outras atividades comunitárias que se fizerem necessárias para o crescimento dos povos indígenas ou se acharem conveniente poderão novamente partir para outra rodada (ciclo de trabalho) do Projeto ou optar para as duas soluções contemporâneas, Este documento, debatido e aprovado pelos Conselho das Comunidades e pela Igreja, servirá como diretriz obrigatória na realização do Projeto e deverá ser respeitado na sua integridade pelas Comunidades Indígenas e pela Direção de cada Região, cabendo a estas partes exigir o cumprimento do mesmo.

13. - REUNIÃO GERAL ANUAL

De ano em ano, haverá uma reunião geral de todas as Direções de cada Região, para uma avaliação geral do Projeto e eventual atualização das normas estabelecidas.

Cabe à Direção do Projeto da Região da Serra, por ter sido a primeira a realizar o Projeto "UMA VACA PARA O ÍNDIO", a iniciativa de convocar a Reunião Geral Anual da qual se fala nesta cláusula.

No dia 4 de Novembro de 1985, depois de lido e examinado o presente Estatuto, resolvemos dar nossa aprovação.

D. ALDO MONGIANO BISPO DE RORAIMA

INTRODUÇÃO

O projeto do gado, há mais de dez anos, passou a fazer parte da vida dos Povos Indígenas Macuxi, Wapixana e Ingarikó de Roraima. O gado está nas aldeias em razão de uma decisão delas, constituindo-se num eficaz instrumento de liberdade, administrado em total autonomia pelos Índios e sob completa responsabilidade deles.

A iniciativa surgiu como uma proposta feita aos Índios dentro de uma caminhada histórica de luta para a conquista de um espaço próprio e o reconhecimento dos direitos garantidos pela Constituição Brasileira e da própria dignidade.

Tudo começou da maneira mais humilde e no meio de muitas dificuldades na maloca de Maturuca, Região das Serras e de lá se espalhou.

Muitos não conheceram esta história, outros já não se lembram bem. E você? É importante saber que o projeto foi como um carvão enterrado nas Serras que virou arvorezinha e agora já chega com seus galhos a alcançar muitas aldeias espalhadas em oito Regiões, dando sombra e frutos.

Este pequeno texto quer exatamente ajudar as comunidades a tomar consciência um pouco mais de tudo isso.

Tem três pequenas partes: a história bem reduzida do Projeto, um questionário para encaminhar a reflexão e o Estatuto do Projeto.

Se trata de um instrumento de trabalho apenas esboçado destinado sobretudo aos Tuxáuas, Líderes, Conselheiros, Professores, Agentes de Pastoral etc. para uma campanha de sensibilização das comunidades indígenas.

Convidamos a todos para que contribuam com seus aportes e sugestões na elaboração de um texto que sirva como subsídio didático eficiente.

UMA VACA PARA O ÍNDIO - NOTAS HISTÓRICAS

- A situação das malocas

No começo dos anos 70, a região do Alto Cotingo, do Alto Mau e Kinô, conhecida também como Região das Serras, tinha todos os problemas das outras regiões, isto é: terras invadidas, o gado destruindo as roças; a dependência pela dívida, aldeias desestruturadas. Pior ainda! A tudo isso juntava-se a grande desgraça do garimpo que acabava por destruir o restante da organização social indígena.

A cachaça e as bebedeiras eram como onça feroz que esfaqueitava as malocas, tirando-lhes toda força e dignidade.

- Maturuca

Localizada pouco longe do Rio Mau, Maturuca era uma delas. Apesar de famosa por causa dos Tuxauas Arbat primeiro, e Merquior depois, esta maloca estava nas mesmas condições. Oprimidos, desorientados e desanimados, os índios viam muito mais em função dos garimpos e fazendas do que das próprias comunidades. Exemplos disso era o próprio Tuxaua que havia muitos anos, estava morando permanentemente fora da própria maloca, no garimpo.

A aldeia tinha tentado várias vezes, se organizar, tomando inclusive iniciativas importantes como a construção da primeira escola indígena das Serras e outras. Sempre acontecia porém, que depois de um certo avanço, tudo recuava de novo, até que um dia aconteceu um fato decisivo.

- A decisão de 1977

Questionada, toda a maloca se reuniu para avaliar a situação de confusão e desunião que estava vivendo. Todos, homens, mulheres e jovens, falaram chegando a descobrir, depois de um dia inteiro de reflexão, sem parar, que a doença da comunidade era a cachaça e as bebedeiras e que o próprio Tuxaua não podia ajudar porque ele também estava doente. Foi assim que a maioria quis apoiar livremente a decisão de dizer: "Não à cachaça, sim à comunidade indígena" e escolheram o então capataz Jaci como Tuxaua que os ajudasse colocar em prática tudo isso.

Esta reunião aconteceu no dia 26 de abril de 1977.

- A divisão e a volta à comunidade

Logo em seguida, porém, se deu uma fratura muito dolorosa na comuni-

idade indígena , porque parte dela se separou. Com a chegada da bebida e pela instigação de vários fazendeiros da área, que estavam achando perigoso o rumo da maloca-líder da Região, um grupo voltou a viver como antes. Depois de vários anos porém, os parentes entendendo quanto é bom o trabalho comunitário e os seus frutos, resolveram com muita alegria de todos se integrar à comunidade, que sempre os tinha convidado a refletir para uma decisão positiva, ficando aberta a todos.

- A organização da comunidade

Entretanto a decisão tomada foi levada a diante através do trabalho de união. Juntos os índios passaram a quebrar a corrente da dívida enquanto organizavam as várias atividades como roças, posto médico, escolas, lacer, corte e costura etc. Para que tudo pudesse funcionar bem houve a primeira divisão de tarefas assumidas por voluntários.

Foi assim que estas pessoas formaram o primeiro Conselho Indígena do qual participavam também umas mulheres.

Contemporaneamente outras malocas como Pedra Branca, Enseada, Carapaçu etc, gostaram da proposta de vida nova dos parentes de Naturuca, aplicando-a nas próprias comunidades. Iniciava-se desta maneira uma articulação e uma programação de trabalho a nível da Região que se constituiu no primeiro esboço do Conselho Regional, poça fundamental da Organização Indígena atual.

- Do "Ajuri" ao "trabalho união"

A forma muito bonita do trabalho indígena de Ajuri foi melhorada e potenciada se transformando no "trabalho de união", que é uma colaboração mais consciente, organizada e solidária. Foi grande o esforço para se entender isso, mas deu muito resultado positivo. Rapidamente as roças começaram a aumentar em número e tamanho, os cercados de arame farpado substituíram os de madeira, as famílias partiram para a criação de galinha patos etc. Surgiu o primeiro retiro comunitário de porcos e foi organizada a primeira cantina enquanto vinham-se comprando os primeiros carneiros e se construía o retiro comunitário para a nova criação. Para reunir as poucas cabeças de gado que ainda tinham escapado, foi acrescentado um curral no mesmo local.

A animação tomou conta de todo mundo, e fez superar as dificuldades internas e externas.

- A onça da cachaça

A onça da cachaça rondava sempre, camuflada sob várias formas, san-

to se viesse sob a forma de saudação dos parentes para o garimpo, como do sanfoneiro que chegasse "por acaso", como do carro do fazendeiro, que fosse buscar os índios para uma festa e bebedeiras. Também o cansaço da caminhada, os falsos amigos, as fraquezas e as calúnias, as necessidades eram um perigo.

As comunidades porém, vigiavam e entre um baque e outro, uma vitória e uma parada; apesar de tudo, cresciam.

- O Projeto do Gado

Foi no contexto desta caminhada que chegou a proposta do Gado, sobre a qual se iniciou um diálogo sereno e lento a respeito da conveniência da presença do gado na maloca e eventualmente da maneira com a qual devia ser administrado. Foram assim decididas o início da experiência e o seu estilo de trabalho comunitário.

O primeiro lote foi comprado em 1979, em Surumu e recebeu o Serrão (IME e ERUD) M do Projeto, sendo levado a Maturuca pelos parentes, já no meio das ameaças dos brancos, no dia quatro de fevereiro de 1980. No ato de entrega foi assinado o documento-termo de compromisso em três cópias: Uma para a maloca de Maturuca, outra para a FUNAI e outra para a Igreja, para que tudo ficasse logo bem definido e não existissem dúvidas com relação à atitude do oferente e o compromisso da comunidade.

- A Oposição ao Projeto do Gado

A chegada do gado foi de muita alegria e animação para os índios. não foi do agrado de vários fazendeiros que tentaram amedrontar e confundir os índios com muitas estórias e calúnias, afirmando que era uma trapaça dos padres para oprimí-los e roubá-los. Os índios aguentaram firmes sem dar crédito às fofocas e, de posse do gado, passaram a tomar conta do gado com carinho e decisão.

- A expansão do Projeto

Mais tarde, em 31 de outubro do mesmo ano 1980, foi a vez das malocas Pedra Branca e Enseada, do Tuxaua Pereira receberem o gado e dia 10 de janeiro de 1981, o Tuxaua Bentinho da maloca de Caraparu I levou o gado com firmeza o seu pequeno lote de vacas.

Estava assim começada graças a Deus, a decisão das comunidades e a generosidades dos benfeitores a caminhada que, pouco a pouco, foi assumida pelas outras regiões. Quase 90 malocas hoje estão integradas ao Projeto que até o presente momento entregou às comunidades 1 lote de

50 vacas e 2 touros cada.

O Trabalho de União e o Repasse do Gado

Temos falado que os índios tinham melhorado o "Ajuri" passando para o trabalho de união. Foi por isso que também no trabalho do gado, decidiram que a propriedade do rebanho fosse comunitária e que houvesse, o repasse do gado. É fundamental, portanto, que o gado do Projeto que roda pela Região de uma aldeia para outra, continuá a ser repassado, pois, não pertence a uma maloca, mas a grande família das malocas da Região, em bloco. Os índios quiseram assegurar uma igual oportunidade de melhorar a todas as malocas que quiseram aceitar a nova proposta. Sem o repasse do gado, está quebrada a união assumida ao receber o Projeto.

- A Festa do Repasse e o Resultado

Assim depois de cinco anos da entrega do primeiro lote, dia 06 de fevereiro de 1985, a maloca de Maturuca repassou o gado à maloca de Monte Kuráá. Foi uma bonita festa de confraternização, em que a escolha do lote de gado a ser repassado foi feita, com muita alegria pelas duas comunidades reunidas. Ficaram no Maturuca 76 cabeças de gado: um bom resultado, levando em consideração a inexperiência de todos, a falta total de assistência técnica, como atualmente as equipes dão, dois anos de sêca (82,83) com falar de numerosos conflitos com a sociedade dominante.

As outras malocas, igualmente, ao completarem o prazo, passaram adiante o lote a outros parentes, chegando a receber mais depois.

- Nasce o Estatuto: O Projeto Cresce

O Projeto com o passar do tempo, o trabalho das comunidades e a crescente organização dos Conselhos se firmou tomando aquela dinâmica que as comunidades quiseram. Para dar-lhe mais clareza e estabilidade, tudo isso foi fixado no papel e deu origem ao Estatuto do Projeto, assinado também pela Igreja e pela FUNAI no dia 03 de novembro de 1985.

O Estatuto só fez oficializar a prática das malocas isto é, o que as malocas estavam de fato fazendo na gestão do gado.

- A Luta das Comunidades

O Projeto produziu uma nova organização em cada família e maloca, uma maior articulação em todos os níveis, novos espaços e uma maior união

e vontade de luta sobretudo em momentos difíceis, às vezes decisivos como foi o de Camararém(82) e de Caraparu(88). Uma luta que apareceu desde o começo e acompanhou a expansão do projeto e em que as malocas mostraram muita determinação e raça na defesa dos seus direitos.

- O Apoio dos Amigos do Mundo Inteiro

Este bom resultado, de fato, foi e é, o desejo de todos os amigos do mundo inteiro que contribuíram com o seu suor para a compra do gado.

Todos sabiam que o dinheiro foi arrecadado por intermédio de muito trabalho junto a pessoas que, embora não conhecendo os índios, acreditaram dando a sua contribuição, a bem dizer no escuro, isto é, na palavra de quem garantia a vontade dos índios de sair do buraco e a seriedade da iniciativa.

É bom lembrar...

O projeto do gado é um somente. Está sendo aplicado nas várias Regiões: Serras, Baixo Cotingo, Surumu, Raposa, Taiano, Amajari, Serra da Lua, São Marcos. Não existem, portanto, muitos Projetos do Gado.

É bom porém, lembrar, **que** cada região é autônoma quanto à propriedade e a administração do rebanho recebido, sendo por completo responsável pelo bom funcionamento do Projeto, de acordo com o compromisso assumido por ela.

VAMOS REFLETIR JUNTOS?

Acabamos de conhecer alguns pontos da história do Projeto. Será que isso é importante para a nossa caminhada hoje?

Claro que sim! É somente olhando para trás, para o começo da nossa caminhada, que vamos poder descobrir por que estamos nela e qual é o seu rumo. Não é verdade?

Lembrar o passado, isto é, fazer "memória" da origem do Projeto é garantia de uma boa caminhada, em que estamos metidos.

Pergunta:

- Todos os membros de sua comunidade estão conhecendo a história do Projeto da sua maloca, da sua Região, das outras Regiões?

--Como se pode fazer para que todos venham a conhecer e lembrar sempre da história do Projeto?

Seguem agora alguns pontos para ajudar este esforço de conhecer melhor.

1 - O começo desta caminhada nova, foi a decisão consciente, livre e sofrida da parte da comunidade de Maturuca de dizer: "Não à eschacha, sim à comunidade indígena."

Não tem caminhada firme sem que cada comunidade tome esta decisão.

Pergunta:

- A sua comunidade já tomou esta decisão?

- Se já tomou, continua firme nela?

2 - Foi desta caminhada nova, que de fato, nasceram o Conselho Indígena e o Projeto do Gado (além de outras coisas), que são os pilares da organização indígena.

Pergunta:

- A sua comunidade sabia que o Projeto do Gado e o Conselho têm a mesma raiz?

- Será que isso nos ensina alguma coisa importante para nós termos uma boa organização?

3 - O Projeto não foi "uma quebra galho" ou apenas "uma coisa boa". Foi pelo contrário, uma proposta para as comunidades que queriam caminhar.

Pergunta:

- A sua comunidade tem claro isso?

4 - O Projeto chegou também como um desafio. De fato, as comunidades tiveram que se mexer, enfrentar o novo trabalho, se organizar, buscando o seu jeito de colaboração comunitária etc.

A maloca que recebe o gado, já não fica mais do jeito que estava ou melhora ou piora. Tanto é verdade que teve malocas que receberam o gado e acabaram se atrapalhando ainda mais. Por que? Elas ficaram paradas, sem enfrentar e ainda se queixaram.

Pergunta:

- Como está a sua comunidade; parada ou ativa?

5 - O Projeto não nasceu de papo-furado, sim do trabalho de união de quem construiu o curral e a manga, defendeu o gado, providenciou o varueiro, arrumou o sal e a vacina. Afinal cooperou ativamente em tudo.

Pergunta:

- A sua comunidade tem muito papo-furado e pouco trabalho?

- Como está a cooperação?

6 - O Projeto está nas mãos da comunidade, sob sua completa responsabilidade, sem paternalismo.

Pergunta:

- De quem vai ser a responsabilidade, se na hora do repasse do gado vão ficar na maloca umas poucas "mucuras" enquanto o gado repassado aos parentes é feio e velho?

--Quantas cabeças de gado a comunidade gostaria de ter depois de cinco anos?

Aí vai aparecer a diferença entre as comunidades!

7 - Os parentes tiveram que enfrentar muitas lutas para defender o direito de situar os seus retiros para a criação de gado.

Pergunta:

- A sua comunidade está decidida a enfrentar?

8 - Amigos do mundo inteiro contribuíram, desde o começo através da compra do gado para que os índios de Roraima pudessem se libertar

Pergunta:

- A sua comunidade está consciente disso e alegre por este grande apoio?

- A sua comunidade está dando conta do compromisso de lutar para sair do buraco, assumido com aqueles que lhes fazem confiança?

9 - Um obstáculo que as comunidades superaram foram as muitas fofocas inventadas pelos brancos e até pelos parentes. Elas sempre estiveram presentes sobretudo quando o povo não trabalha, e são muito perigosas.

Pergunta:

- Será que a sua comunidade também está dando cuidados a fofocas?

Será que não seria melhor contar logo tudo isso, chamando os parentes engajados no trabalho? Eles poderiam esclarecer, não contando fofocas, mas sim, a história do trabalho. Lá as mentiras vão aparecer logo.

10 - Quando foi feita a proposta-desafio do Projeto muitos acharam ig tudo uma ilusão, coisa impossível. Desconfiavam da capacidade dos índios de administrar o gado, achando que eles eram preguiçosos, incapazes, cachaceiros e irresponsáveis. Diziam que os índios iam comer o gado, acabando com tudo.

Pergunta:

- A sua comunidade está dando razão a esta gente?

- A sua comunidade está mostrando a força ou o fracasso dos índios?

11 - Nesta caminhada para a qual os índios de Roraima se decidiram, es teve presente desde o começo a Igreja como amiga e animadora. Foi muito respeito, diálogo, entendimento e luta.

Pergunta:

- A sua comunidade sabe que a Igreja quer continuar sendo sua fiel amiga de caminhada?

- A sua comunidade está sabendo que a Igreja quer que as comunidades fiquem cada vez mais unidas, organizadas, fortes e autônomas, e se alegra muito quando isso acontece?

12 - A chegada do Projeto do Gado às comunidades indígenas foi motivo de muita alegria e esperança para elas, tanto que as aldeias começaram a pedir o Projeto. Festejar a data de entrega do gado, todos os anos é muito importante, inclusive é uma ocasião para uma avaliação da caminhada e uma reorganização do povo.

Pergunta:

- A sua comunidade já festejou esta data? Não será bom organizar este dia?

13 - O Projeto do Gado, resumindo, precisa de muitas coisas para funcionar bem. Precisa do curral, das vacas, de união da comunidade dos touros, do vaqueiro, do cercado, da equipe técnica, dos medicamentos etc.

Pergunta:

- De todas estas coisas, qual é a mais importante para o Projeto funcionar mesmo?

Você agora já sabe melhor.

A história do Projeto continua. Ela está em suas mãos e nas mãos das comunidades que têm tudo para dar certo. Uma boa aplicação do Projeto é garantia segura de uma organização indígena que não seja apenas "conversa fiada"

Amigos vamos à luta com coragem e alegria!

TERMO DE COMPROMISSO PARA O PRIMEIRO CICLO DO PROJETO "UMA VACA PARA O ÍNDIO" ASSINADO PELA COMUNIDADE DE..... E PELA DIREÇÃO DO PROJETO DA MESMA REGIÃO, SOB A SUPERVISÃO DA DIOCESE DE RORAIMA.

A Comunidade de representada pelo seu Tuxaua e a Direção do Projeto "UMA VACA PARA O ÍNDIO" da região de representada neste ato pelos Tuxauas e sob a supervisão da Diocese de Roraima, representada neste ato pelo..... assinam o presente Termo de Compromisso subordinado às seguintes Cláusulas.

CLÁUSULA PRIMEIRA

O objetivo deste Termo de Compromisso é a efetivação de uma co - operação entre o Projeto "UMA VACA PARA O ÍNDIO", representada pela sua Direção e a Comunidade para incentivar o desenvolvimento comunitário através da criação de Gado bovino e equino, conforme o Estatuto.

CLÁUSULA SEGUNDA

A Direção do Projeto colocará a disposição da Comunidade o nº Vacas, Reprodutores, Éguas e Cavalos, sob a forma de empréstimo.

CLÁUSULA TERCEIRA

A Comunidade tomará conta do gado, à própria custa, responsabilizando-se pelo trato, conservação, vacinação, curral e outros cuidados que se fizerem necessário.

CLÁUSULA QUARTA

O Gado, objeto deste Termo de Compromisso e as rezes que por ele serão produzidos, serão marcados com o ferro aprovado pelas partes, isto é, com o ferro do Projeto "UMA VACA PARA O ÍNDIO".

CLÁUSULA QUINTA

A duração deste Termo de Compromisso será de cinco (5) anos.

CLÁUSULA SEXTA

Expirado o prazo previsto pelo presente Termo de Compromisso, a Comunidade devolverá à Direção do Projeto o mesmo número de Gado que recebeu, sendo que toda a produção excedente ficará de propriedade da Comunidade. A este gado será dado o contra-ferro e marcado com o ferro da Comunidade.

CLÁUSULA SÉTIMA

A Comunidade de se responsabiliza a colaborar, juntamente com a Direção para a implantação do mesmo Projeto, "UMA VACA PARA O ÍNDIO" na Comunidade escolhida pela Direção para receber o gado por ela devolvido.

CLÁUSULA OITAVA

Anexo a este Termo de Compromisso, deverá haver:

- a) Uma relação dos membros da Comunidade de isto é dos chefes de família que irão se beneficiar da iniciativa.
- b) As características de ferro com o qual será marcado o Gado do Termo de Compromisso são: A Letra M maiúscula com uma cruz no meio, conforme indica o desenho. $\overset{+}{M}$

Boa Vista, 04 de novembro de 1985

Com a nossa aprovação

Dom Aldo Mongiano
Bispo de Roraima

Paulo, 27-09-83

Caro Beto

Quando fui a Roraima, visitar Dom Aldo, para conhecer um pouco melhor o projeto "Uma vaca para o índio", consegui com o Conselho Indígena um exemplar do projeto e dos estatutos.

Pediram-me que fizesse chegar ao CEDI uma cópia, o que faço agora com um pequeno atraso.

Num artigo que escrevi para o Boletim da ABA, a pedido do Sílvio Coelho dos Santos, menciono a experiência e seu mérito mais evidente: o desestímulo às invasões e até a recuperação de terras invadidas, da mesma maneira com o Foram, isto é, com gado.

Aceite um abraço juntamente com a Fany

Além